

O QUE É A FILOSOFIA?

BARRY STROUD

Universidade da Califórnia, Berkeley

Email: barrys@berkeley.edu

Tradução: Israel Vilas Bôas

UNIFESP

Email: chrysotile@gmail.com

Revisão: Plínio Junqueira Smith

UNIFESP

Email: plinio.smith@gmail.com

Diante da pergunta “o que é a filosofia?”, minha primeira reação é a de que a questão é absurda. No entanto, refletindo um pouco, descubro que não é tanto a questão que é absurda, mas sim a tentativa de responder a ela. Então, de modo mais pessoal, percebo que é ainda mais absurdo o fato de *eu* tentar responder a essa questão. Mas, agora, tendo chegado a essa perspectiva mais pessoal, posso reformular um pouco a questão, de modo que ela seja não “o que é a filosofia?”, mas tão somente “como eu vejo a filosofia?”. Ainda assim a questão é assustadora: – como *vejo* a filosofia? – mas ao menos parece ser mais tratável. Mas, então, qualquer resposta que eu possa dar-lhe não deve ser de grande interesse. Será como a mensagem de uma pulga trabalhando em sua própria polegada quadrada de carne, relatando “como vejo o elefante”. Tentar responder à questão mais ampla e impessoal é absurdo ou desencorajador, assim como é absurdo ou desencorajador tentar responder a questões como “o que é a pintura?” ou “o que é a música?”. Não é que não se possa dizer nada, nem mesmo nada de verdadeiro. Mas o que de útil poderia ser dito a alguém que quer uma resposta?

Primeiro, a pintura, a música e a filosofia são atividades humanas com uma história. Elas estão como estão aqui e agora por causa das maneiras como foram em outro lugar e em épocas passadas. Entendê-las é em grande parte entender como se tornaram o que são a partir do que eram antes. Mas as perguntas completamente gerais

parecem simplesmente perguntar “o que elas são?”. E quem faz essa pergunta com ignorância completa do assunto - alguém de Marte, digamos – tem pouca chance de se satisfazer com uma história de como um tipo de pintura, de música ou de filosofia levou a outro e, finalmente, ao que temos aqui e agora.

Isso mostra parte do absurdo de se tentar responder à questão totalmente geral: fica indeterminado o que quer saber aquele que faz a pergunta. Quanto é que essa pessoa deveria já saber, ou não saber, sobre a vida humana? Onde podemos começar para tentar dizer a alguém o que é a pintura, a música ou a filosofia? Alguém de Marte, digamos, que jamais tivesse visitado este planeta, poderia ficar satisfeito em ouvir que, aqui na Terra, alguns de nós pintam e que pintar é marcar uma superfície com cor; ou que apreciamos música, a qual é som e silêncio ordenados por um compositor de certas maneiras. O que se diz é verdade, mas provavelmente não satisfará ninguém um pouco mais perto de casa que pergunte o que é a pintura ou a música. E o mesmo também é verdade sobre a pergunta “o que é a filosofia?” ou até sobre a minha pergunta mais pessoal: “como eu vejo a filosofia?”.

Outra parte do absurdo de tentar responder à pergunta completamente geral é que a filosofia consiste de muitas coisas diferentes e foi praticada de muitas maneiras diferentes. Não há razão para insistir que seja apenas uma coisa ou que possa ser resumida ou definida de alguma maneira iluminadora mesmo para aqueles que sabem muita coisa sobre a vida humana. É por isso que me limito a dizer como eu vejo a filosofia.

Mas há outra renúncia a fazer mesmo sobre isso. Desconfio e não estou muito interessado no que pintores falam sobre suas próprias pinturas, por exemplo. Detalhes técnicos de execução são admiráveis, materiais e procedimentos, fascinantes, mas, quando se trata de saber “sobre” o que a pintura realmente é ou do que o pintor estava realmente fazendo – para não dizer o que é a pintura em geral –, não penso que o pintor esteja em qualquer posição especial. A melhor coisa a fazer é olhar a própria pintura de perto. É isso que mostra o que ela é e o que ela faz, bem como o que o pintor estava fazendo ao pintá-la (se é que alguma coisa mostra isso). Tenho o mesmo sentimento sobre a filosofia. É muito melhor – mais confiável – olhar o que o filósofo faz em um caso particular do que ouvir o que ele ou ela diz sobre o que está sendo feito. É na obra real que a concepção de filosofia de um filósofo, ou sua maneira de fazê-la, realmente se encontra. Então, desconfio dos pronunciamentos, mesmo dos filósofos, sobre o que a filosofia é ou sobre como deve ser feita. A meu ver, é um problema filosófico real dizer

o que se passa na ação de filosofar. O filósofo que a está fazendo não está necessariamente em uma posição privilegiada sobre ela.

Com todas essas reservas em mente, posso, no entanto, tentar dizer alguma coisa sobre o que é a filosofia ou sobre como a vejo. Assim como é verdade, mas não muito esclarecedor, dizer que pintar é marcar uma superfície com cor, então, no mesmo nível de verdade banal, podemos dizer que filosofia é pensamento. É uma reflexão acerca das características muito gerais do mundo, especialmente daquelas características que envolvem as vidas dos seres humanos ou nela interferem. Como seres humanos são aqueles que praticam a reflexão filosófica, pode-se considerá-la uma forma de autorreflexão. Mas filosofia não é qualquer pensamento – nem mesmo qualquer pensamento autorreflexivo sobre características muito gerais do mundo que envolvem a vida dos seres humanos ou nestas interferem. Da mesma maneira que nem toda marcação de superfície com cor é pintura, nem toda combinação ordenada de som e silêncio é música.

Isso não nos leva muito longe rumo a uma resposta à pergunta a respeito do que é especial ou único à filosofia, mas nos dá alguma coisa; aponta para algo importante, sejam quais forem as características especiais ou únicas do pensamento filosófico. O fato importante, porém nem sempre reconhecido, é que a filosofia não necessariamente existe e certamente não viceja em qualquer sociedade nem em qualquer cultura. Contudo, toda sociedade ou cultura certamente tem algum conjunto de ideias sobre como as coisas são em geral e sobre como interferem ou não na vida dos seres humanos. Uma concepção geral do mundo como essa e uma concepção geral sobre si mesmos por parte dos próprios seres humanos parece essencial, ou pelo menos universal, para toda a vida humana.

Todos os seres humanos têm certos interesses, e preocupações, e certos medos, e aspirações, os quais, de uma forma ou de outra, estão presentes na vida humana onde quer que esta surja. E alguma coisa institucional ou social é necessária para os seres humanos lidarem com essas preocupações naturais, ou para persegui-las, e para fornecer maneiras para grupos de pessoas viverem juntos em um tipo de unidade. Isso é uma grande parte do que uma cultura é ou faz. Mas não considero o conteúdo dessas formações culturais filosofia nem cada uma delas *uma* filosofia. Cada cultura tem pensamentos e atitudes sobre características fundamentais da relação de um ser humano com o universo, sobre a morte e a finitude humana e sobre maneiras apropriadas de interagir com outros seres humanos. Esses são os tipos de coisa de que a filosofia trata.

Mas nem toda maneira de resolvê-las, nem mesmo toda maneira de pensar sobre elas, corresponde à filosofia.

Isso é óbvio de certa maneira simplesmente por haver um sem-número de sociedades, tanto no presente como no passado, para as quais há coisas mais importantes que filosofia. Preocupações com a vida e com a morte dos seres humanos, com suas relações com o mundo e com outros seres humanos precisam ser ventiladas antes da possibilidade, ou mesmo da concepção, da filosofia pudesse começar a surgir. A filosofia existe ou progride tão somente em certas condições sociais, e não em todas. Mas se as sociedades, mesmo nas circunstâncias mais desesperadas, nas quais não há lugar para a filosofia, ainda assim precisam de certos entendimentos ou de certas ideias compartilhados de si mesmas ou de sua relação com o resto do mundo a fim de coerir e de funcionar minimamente, então a presença dessas ideias não necessariamente corresponde à filosofia.

Obviamente, uma sociedade precisa ser bastante avançada em relação às condições mínimas necessárias para funcionar ou mesmo para progredir, a fim de que sustente a filosofia ou para esta abra espaço. A filosofia precisa de condições sociais razoavelmente benignas e de um nível de desenvolvimento econômico relativamente alto, pelo menos para parte da população. Mas só isso não é garantia de que a filosofia terá um lugar oficial nessa cultura. Claro, filosofia pode ser praticada fora ou mesmo contra uma cultura oficial, mas isso só ocorre onde uma tradição de filosofar não foi completamente extinta. Até isso é difícil e no fim não leva a muito em termos filosóficos, exceto possivelmente manter a tradição disponível de algum modo até tempos mais promissores.

Esses estados repressivos que atacaram a filosofia ou tentaram suprimi-la – transformando seus filósofos desempregados e assediados em garis ou em lavadores de janelas – não carecem de um conjunto de ideias das quais eles esperam que seus cidadãos partilhem e com as quais guiem suas vidas. As doutrinas que promulgam são ideias gerais e princípios sobre os fins e o valor da vida humano e qual a melhor maneira de atingi-los. Mas só essa razão não as torna o que eu consideraria filosofia. Elas podem até ser *chamadas* de “filosofia”, pelo menos pelo estado que está tentando implementá-las, o que não significa que esses estados, ou mesmo os seus súditos que aceitam as ideias e vivem de acordo com elas, estejam apoiando a filosofia ou envolvendo-se nela.

Uma sociedade não deve ser apenas razoavelmente avançada, mas razoavelmente confortável consigo para fornecer um lugar oficial ao melhor que a filosofia pode oferecer. Por ora, é difícil pensar em qualquer lugar, a não ser a universidade, onde isso possa ser feito – pelo menos sistemática e comumente. Não foi sempre assim, pois a universidade não esteve conosco por tanto tempo quanto a filosofia esteve. Mas a idade de patrocínio real ou aristocrático – ou qualquer forma de patrocínio privado – já ficou para trás. Muitos trabalhos sendo feitos em filosofia agora são apoiados por formas de patrocínio social que não são a universidade. Recursos que, obviamente, poderiam ter usos em problemas sociais urgentes, vão, às vezes, para filósofos. Isto é uma marca do estado avançado da cultura ocidental, e mesmo de sua civilidade. Talvez também seja uma marca das atitudes de nossa sociedade quanto a alguns desses problemas sociais. Mas a universidade é, agora, o lugar onde a filosofia prospera.

Isto me parece ser bom e ser ruim. Por um lado, é ruim porque a universidade se torna cada vez mais profissionalizada, de modo que se tem uma filosofia cada vez mais profissionalizada. Isto, a meu ver, tornou muito da filosofia estéril, vazio e entediante. O que as instituições exigem dos indivíduos elas conseguem. E o que as universidades, mesmo as melhores universidades, agora exigem, em geral, dos professores é quantidade de publicações, é frequência de citação na literatura profissional, preeminência da profissão amplamente certificada e outras medidas quantificáveis de um currículo impressionante. E é isso que os professores de filosofia estão fornecendo em geral – em detrimento da filosofia como a concebo.

Por outro, a ligação entre a filosofia e a universidade é boa porque fornece lugar em que a filosofia pode ser feita e, com uma liderança sábia, pode ser feita em condições nas quais floresça. Ela exige o ensino: a necessidade de dizer coisas claras em público e de torná-las acessíveis aos demais e passíveis de avaliação crítica. E o ensino é o que transmite o assunto ou a tradição, pelo menos na forma em que estes são recebidos por aqueles que a ele e a ela estão sendo apresentados. O trabalho filosófico (mesmo trabalho que parece não ir a lugar nenhum) é oficialmente apoiado pela universidade e, portanto, apoiado amplamente pela sociedade, e não devido a nenhuma conclusão específica a que devesse chegar. É considerado mais importante que a atividade continue, quando comparada com a importância que tem a filosofia obter este ou aquele resultado específico. Resultados, na forma de conclusões alcançadas, ou de proposições estabelecidas, não são o que importa.

Isso é uma coisa boa, a meu ver, pois não considero a filosofia um conjunto de resultados ou de doutrinas, no sentido de conclusões alcançadas, nem de proposições estabelecidas. Pode ser que toda sociedade ou toda cultura precisem de ideias, de crenças ou de doutrinas que deem direção e deem sentido à vida de seus membros. E assentir a uma crença ou a uma doutrina ou aderir a uma ideologia, é uma forma de pensamento ou de pensar. Mas esse não é o tipo de pensamento que a filosofia é. Ou melhor, esse tipo de pensamento é compatível com a falta de filosofia, ou do que é valioso na filosofia em seu melhor.

A religião também é uma forma de pensamento e certamente diz respeito a questões de grande relevância aos seres humanos. Mas penso que a crença religiosa ou o pensamento religioso não é o mesmo que filosofia ou pensamento filosófico. Como formulei há pouco, ela é compatível com a falta de filosofia, ainda que inclua crenças, atitudes e preceitos que são baseadas em ideias gerais sobre os seres humanos e sobre o mundo. Esses pensamentos e essas crenças expressam uma concepção de mundo ou um credo, mas a filosofia como a vejo não é um credo. Também não é um esforço para descobrir ou produzir um credo.

Penso que as atitudes ou os motivos pelos quais se busca a filosofia não são os mesmos que os de uma atitude ou de uma orientação tipicamente religiosa. Um filósofo não está efetivamente em paz com o mundo. Como filósofo, ele não se considera de algum modo em boas mãos, nem seguro nem inclinado a aquiescer a alguma coisa que pode ou deve ser aceita sem ser entendida. Claro, um filósofo, como todo mundo, deve aquiescer em face dos fatos - ou ao menos dos fatos que não podem ser mudados. No entanto, a filosofia depende da curiosidade perene e da busca da investigação sem limites. Ela surge de um desejo ou de uma tentativa de compreender profundamente o mundo como ele é, como ele estiver disponível à nossa concepção. A dificuldade é conseguir a concepção certa - ou intelectualmente satisfatória – dele.

A filosofia é interessante e desafiante para mim pessoalmente apenas porque não há uma explicação teológica e extramundana das coisas. Se eu realmente acreditasse que há, creio que não acharia a reflexão séria sobre essas questões interessante, nem recompensadora, da maneira que a filosofia pode ser. O próprio esforço pareceria falhar na dificuldade epistêmica de quão longe podemos ter a esperança de penetrar nas maneiras, em última instância impenetráveis, de Deus ou do que quer que se pensasse estar no comando.

Mas, mesmo se eu praticasse esses pensamentos e crenças e eles fossem importantes para a maneira como vivo minha vida, não creio que, por aceitá-las, eu empreenderia o que considero filosofia. Não porque a filosofia, como a concebo, é vã e não pode ter nenhum efeito sobre as atitudes de outrem nem sobre as relações deste com o mundo e com a vida. Quero dizer apenas que a filosofia como a entendo é diferente e que, se tem seus efeitos, os tem de outras maneiras. Não é uma questão de chegar a conclusões que são usadas para guiar ou para ordenar a vida. Filosofia é o pensamento ou a reflexão que é feito puramente para entender algo, somente para descobrir o que é o caso em relação aos aspectos do mundo que nos intrigam. A atividade é interminável num certo sentido, embora acabe para cada ser humano que se ocupa dela. Mas isso não significa que ela não resulte em nada nem que não tenha nenhum efeito. Quer dizer apenas que os efeitos, se vierem, não tomam a forma de descobertas de conclusões ou de doutrinas, as quais servem para direcionar ou guiar a vida.

Quando digo que a filosofia, como a concebo, não é um credo nem a busca por um credo ou por um conjunto de doutrinas – tampouco um credo ou uma ideologia social, nem política nem um credo religioso nem um conjunto de atitudes religiosas –, também quero dizer que não é a busca pelo que pode ser chamado de credo *filosófico* nem um conjunto *filosófico* de teses ou de doutrinas.

Nesse sentido, não há filosofia do século XX nem filosofia do século XVIII, no mesmo sentido em que há física do século XX ou química do presente ou biologia molecular ou física do século XVII. Claro, há muito desacordo e muita incerteza nesses campos, e muitas atividades levando a direções diferentes. Mas há alguma coisa como aquilo que os físicos ou químicos atuais sabem: um conjunto de doutrina que pode ser chamado de verdades da física ou da química como essas matérias estão configuradas. Não quero dizer que nada disso nunca irá mudar, apenas que há um conjunto de verdades aceitas de que físicos ou químicos compartilham. Esse conjunto é o núcleo, por ora, do que a física ou a química dizem; do que é o caso, física ou quimicamente falando. É nesse sentido que acho que não há algo como um conjunto de doutrinas ou de verdades filosóficas: do que é o caso, filosoficamente falando. Não há tal coisa agora nem houve tal coisa no passado.

Muitos concordarão porque, como ficam felizes em apontar, a filosofia não progride e os filósofos não concordam acerca de nada – ou, pelo menos, não de muito. Diz-se isso porque os filósofos são inveteradamente, talvez até inerentemente, litigiosos, e porque os problemas deles são irrealis, já que não há fatos em filosofia, tampouco

nenhuma maneira de verificar nem de falsear suas afirmações. De acordo com essa ideia, mesmo quando muitos filósofos concordam em alguma coisa, isso é tudo o que há – concordância generalizada, em vez da descoberta de fatos ou de verdades filosóficas.

Em alguns círculos atuais, diz-se que a concepção de filosofia que acabei de descrever é verdadeira para todos os esforços intelectuais de entender alguma coisa. Sustenta-se que não há fatos nem verdades de nenhum tipo nem mesmo na física ou na química. Há apenas mais acordo generalizado em certas áreas que em outras, o que nos leva a falar de “fatos” ou de “descobertas” na física, na química e campos afins, mas não na política nem na moral, tampouco na filosofia. O próprio uso é tido como tão somente mais uma coisa sobre a qual a maioria das pessoas concorda.

Essa concepção mais geral, se se pode chamá-la dessa maneira, talvez possa fazer a filosofia não parecer tão ruim, pelo menos comparativamente, pois ela difere de outras buscas intelectuais apenas na quantidade de concordância a ser encontrada nela. Isso poderia até mesmo dar uma imagem positiva dos filósofos: talvez eles sejam mais corajosos e com uma disposição mais independente do que aquele rebanho de físicos, de químicos e de matemáticos que (de acordo com essa concepção) timidamente vão concordando com qualquer consenso que pareça estar crescendo. Mas não vou demorar-me mais na história triste dessa concepção de pensamento humano da moda.

A meu ver, há uma explicação distinta para o motivo de não haver nada como um corpo de doutrina ou um núcleo de verdades descobertas, os quais representariam os resultados da filosofia do século XX ou mesmo do século XVIII. A meu ver, porque a filosofia não é o mesmo tipo de empreendimento que a física ou a química ou outras formas de vir a conhecer o mundo. Claro, é verdade que certos *tópicos* ou certas *questões* dominam a filosofia em determinados lugares e em determinadas épocas, e certas maneiras de lidar com esses tópicos ou com essas questões prevalecem, e então abrem caminho para outros tópicos e outros métodos. Mas esses são interesses, enfoques e procedimentos, não resultados. Não incluem um núcleo básico que ninguém fazendo filosofia em um certo tempo e um certo espaço sabe ou aceita e o qual representa as conquistas da filosofia até aquele ponto.

Há, claro, uma tradição de *obras* filosóficas, assim como há na pintura e na música. São as obras, não alguma coisa reconhecível como os resultados delas, que constituem a tradição. Essa é razão de a filosofia, assim como a pintura e a música, dever ser entendida historicamente, ao menos em parte. Não há outra maneira de

entender as questões, e o que está em jogo senão ver de onde elas vêm e por que se apresentam naquela época das maneiras como se apresentam.

A necessidade de um passado, de uma tradição pela qual começar, é um lugar-comum da história da pintura. Pintores pintam como pintam em resposta às pinturas que os precedem. André Malraux dramatizou esse ponto conhecido da seguinte maneira:

É revelador que, ao explicar como sua vocação veio a ele, todo grande artista a segue de volta à emoção que sentiu com o seu contato com uma obra de arte específica. ... Nunca se ouve de alguém que, inesperadamente, por assim dizer, sente uma compulsão para “expressar” determinado incidente ou determinada cena surpreendente. ... Uma velha história diz que Cimabue foi acometido por admiração quando viu o pequeno pastor Giotto, esboçando ovelhas. Mas, nas biografias verdadeiras, nunca é a ovelha que inspira um Giotto com o amor à pintura, mas, em vez disso, suas primeiras observações de pinturas de um homem como Cimabue. O que faz o artista é que, em sua juventude, ele foi mais profundamente comovido pela sua experiência visual de obras de arte que pela visão das obras que estas representam¹.

Algo assim não é menos verdade quanto à filosofia. G. E. Moore relata, em sua autobiografia, pensar que o seu “principal estímulo para filosofar foram determinadas afirmações filosóficas que ouviu em conversas”. Ele diz: “não penso que o mundo ou as ciências poderiam jamais me sugerir nenhum problema filosófico. O que me sugeriu problemas filosóficos foram coisas que outros filósofos disseram sobre o mundo ou as ciências”². Isso é frequentemente citado como um defeito ou uma limitação de G. E. Moore e sua filosofia e, certamente, algumas vezes, da assim chamada filosofia analítica ou linguística em geral. Pensa-se em revelar o caráter superficial e derivativo, até mesmo parasítico, daquela filosofia, suas secas fontes acadêmicas ou professorais, e sua distância dos problemas “reais” que o mundo apresenta para todo ser humano atencioso e sensível que está direta e apaixonadamente engajado nele. A meu ver, em vez disso, a observação mostra a perspicácia e a honestidade de Moore. O que quer que se pense das limitações de Moore, até mesmo de sua cegueira, como filósofo, ele não era cego nem limitado nesse caso. O que ele relata sobre si mesmo é algo que creio ser verdade acerca da filosofia em geral. Considero interessante que muitos filósofos neguem isso e considerem um demérito ou um indicativo de superficialidade que isso se aplique a eles.

¹ Malraux (1978), p. 281.

² Moore (1968), p. 14.

Claro, aqueles filósofos concederão que é necessário se familiarizar com a filosofia, aprender alguma coisa sobre ela, se se quer fazer alguma coisa nela. Mas muitos negariam que o que fazem é derivado de filosofia anterior de uma maneira que eles admitiriam que a música ou a pintura contemporâneas são derivadas de seus passados e não completamente inteligíveis destes. Muitos filósofos dizem que estão apenas interessados em resolver certos problemas que se apresentam a eles, ou em entender certos fenômenos ou em apresentar determinadas teorias corretas acerca deste ou daquele aspecto do mundo. Eles não estão preocupados com o que foi dito sobre essas questões no passado, embora concedam que outros, mesmo outros filósofos, possam estar interessados nessas questões.

W. V. Quine, por exemplo, observou que as pessoas entram na filosofia por razões distintas: algumas estão interessadas na história da filosofia, outras, na filosofia. Ele se colocaria na segunda categoria. Mas o fato de não estar primariamente interessado em estudar a história da filosofia não significa que Quine filosofe na ignorância ou no isolamento dessa tradição. De fato, Quine sabe muito sobre a história da filosofia. É que história da filosofia para ele era Carnap e o *Principia Mathematica*. Ele conhece ambos muito bem. Sua filosofia era, em grande parte, uma resposta a eles. Há também muito mais de C. I. Lewis nela que ele admita. O mesmo tipo de coisa é verdade para qualquer teórico que alega não estar fazendo nada senão direcionar suas mentes filosoficamente inafetadas a características de um mundo mais ou menos neutralmente descritível.

Há muitos teóricos filosóficos e muitas doutrinas e teorias filosóficas. Em outras palavras, muitos filósofos descrevem o que estão fazendo dessas maneiras. O que intrigava G. E. Moore era a relação entre os tipos de coisas que esses filósofos dizem e os fatos do mundo do dia a dia como todos conhecemos. Isso me parece ser o tipo certo de pergunta a fazer sobre aquelas coisas chamadas “teses filosóficas” ou “doutrinas” ou “resultados”. O que elas implicam sobre o que sabemos, ou sobre o que é o caso, fora da filosofia? A frase “tempo é irreal”, por exemplo, implica que eu não tomei café da manhã depois que saí da cama, ou não? E, se implicar, isso não é simplesmente falso, pois eu efetivamente saí da cama primeiro esta manhã? Acho hilariante quando filósofos levantam questões como essa e nelas insistem, mesmo sobre as próprias assim chamadas teorias filosóficas.

Digo que esse é o tipo certo de pergunta a fazer ou ao menos por onde começar, pois leva a questionar a própria natureza de uma tese, de uma doutrina ou de uma teoria

“filosófica”. É uma maneira de investigar nossa pergunta, “o que é a filosofia?”, mas, lá no chão, por assim dizer, onde ela se apresenta em casos reais. Isso não é algo que interesse muitos dos que estão ocupados produzindo, ou ao menos buscando, teses ou teorias em filosofia. Parece ser muito importante para muitos filósofos ter alguma posição, alguma doutrina ou alguma teoria com que se identifiquem. Isso parece dominar ao menos parte da filosofia conduzida em inglês agora. Teorias são construídas ou propostas e discussões filosóficas se resumem a opor essas posições ou teorias umas às outras. Considera-se aparentemente uma virtude manter-se fiel a uma teoria o máximo possível, fazendo ajustes sob pressão apenas se teorias opostas parecerem estar ganhando vantagem e se manter tentando dar à sua própria posição a melhor corrida por seu dinheiro no mercado competitivo.

Isso serve a um empreendimento profissional muito bem. Cada empresário tem seu próprio nicho na matéria e também uma determinada identidade profissional. E as fortunas relativas do projeto de cada jogador podem ser demonstradas em um gráfico até certo ponto. Toda essa imagem parece ser moldada numa certa concepção – sem dúvida uma concepção mítica – de como uma ciência real procede, com uma metáfora econômica acrescida ao mito. Em filosofia hoje ouve-se muito “associo-me”³ a essa ou aquela teoria ou “ismo” ou “programa de pesquisa”. Quando fui à Califórnia pela primeira vez, nos viçosos anos 1960, pós-graduandos que achavam promissora uma ideia ou uma sugestão novas poderiam dizer “comprarei isso”. Agora, o máximo com que podem arcar é associar-se a alguma ideia. Estão preparados para pôr o dinheiro que tiverem no “antirrealismo” contra o “realismo”, digamos, ou no “externismo” contra o “internismo”, e então tentar defender seus investimentos contra quem se apresentar.

Isso às vezes pode levar a algo novo e proveitoso. Ao longo de sua história, a filosofia se livrou de muitas questões e muitos programas que se tornaram matérias autossuficientes ou ciências próprias. Uma cadeira de física em Oxford, ainda hoje, é chamada de cadeira de “Filosofia Natural”, mas não fica na Sub-Faculdade de filosofia. Esta pode ser uma coisa que explica o fato de não haver resultados em filosofia: assim que há resultados reais, não conta mais como filosofia.

A meu ver, porém, a concepção profissionalizada e cientificista que muita gente agora tem de como proceder em filosofia é infeliz. Apesar de muitas conquistas

³ Stroud traça uma distinção entre *buy (an idea)*, “comprar (uma ideia)”, e *buy into (an idea)*, “associar-se a (uma ideia)”. Não há como traduzir esse jogo de palavras em português. A diferença reside entre comprar uma ideia, aceitando-a como sua, e comprar uma ideia, associando-se a ela; neste último sentido, o filósofo, investindo nessa ideia, tornar-se-ia como que um sócio dessa ideia. (N. do T.)

impressionantes de puro poder cerebral, ela permanece, a meu ver, insatisfatória e, se não estritamente não filosófica, pelo menos não suficientemente filosófica. Nos termos que usei antes, eu diria que essa concepção é até certo ponto compatível com a ausência de filosofia. Ela levou ao que penso ser uma determinada complacência, até mesmo uma certa cegueira, em face do que permanece filosoficamente importante. Não quero dizer que os filósofos teóricos mais construtivos são complacentes na defesa de suas teorias ou cegos às objeções possivelmente danosas às suas teorias. Mas penso que, no empreendimento ou na investigação filosófica, eles tendem a parar um passo aquém do necessário. São insuficientemente críticos quanto ao que uma teoria ou uma tese filosófica significam, e ao que quer dizer adotar ou aceitar tal coisa. Isso faz com que o teorizar filosófico se pareça demais com aceitar uma ideologia ou um credo ou uma religião. E não leva em consideração filosófica a própria atitude da assim chamada aceitação, ou o próprio estatuto das doutrinas ou teorias aceitas. Dá como certo que entendemos que tipo de coisa é uma doutrina ou teoria filosófica e pergunta apenas quais aceitar e quais rejeitar.

Considero isso insatisfatório ou não suficientemente filosófico, pois penso que o que é tomado como certo é algo que não entendemos: o que é esse empreendimento em que os filósofos estão engajados e o que esperar dele? Essa é uma forma da pergunta “o que é a filosofia?” e é uma pergunta para a própria filosofia. Quem mais vai lidar com ela? Teorias filosóficas sobre essa ou sobre aquela característica do mundo não lidam com ela. Estas são instâncias da própria coisa sobre a qual perguntam. É isso o que queremos entender melhor.

O que teses ou teorias filosóficas são ou o que respostas a problemas filosóficos dizem ou significam podem apenas ser tão claras e tão bem entendidas quanto as questões a que respondem ou os fenômenos que deveriam explicar. Mas aqueles problemas ou as concepções que a eles deram origem são eles mesmos resultados de pensamentos - de pensar sobre as coisas de certas maneiras. E, para entender aqueles problemas, mesmo antes de responder-lhes, temos de identificar e de entender aquelas maneiras de pensar e avaliá-las. Mas aquelas maneiras de pensar são também, pelo menos em parte, produtos de filosofar anterior e temos de identificar e de entender isso. Apenas assim, penso, podemos vir a conhecer o que estamos fazendo em filosofia. Precisamos chegar às fontes dos assim chamados problemas, a fim de ver de onde vêm e por que adotam as formas que adotam. É isso o que acho ser deixado de lado ou simplesmente tido como conhecido por aqueles que estão ocupados respondendo a

perguntas, resolvendo os problemas ou produzindo teorias sobre fenômenos problemáticos de outrora.

Penso que isso é algo que não podemos mais tomar como garantido em filosofia. É algo que muitas teorias desde a época de Kant têm tentado explicar. Hoje aquelas teorias têm sido rejeitadas. E com razão. Mas colocar slogans cientificistas no lugar dela não é nenhum avanço. O que precisamos agora é de uma olhada bem mais de perto no que realmente ocorre. Mas não em geral, e sim em detalhes. Precisamos saber de onde os problemas filosóficos vêm a fim de entender o caráter especial do que é dito em tentativas de resolvê-los.

Uma palavra às vezes aplicada ao tipo de atitude ou de curiosidade filosófica que estou recomendando é *terapêutica*. O termo é infeliz, e não captura o que tenho em mente. Wittgenstein efetivamente diz que há diferentes métodos em filosofia, “tal como há diferentes terapias”⁴. Mas isso poderia significar apenas que há métodos diferentes em filosofia, assim como há métodos diferentes em psicoterapia. Isso não implica que as diferentes maneiras de fazer as coisas em filosofia *são* terapias. Nesta leitura, a observação significa apenas o equivalente de “há mais de uma maneira de se esfolar um gato”.

Com um gato, não há obscuridade nem incerteza quanto ao objetivo: ou você acaba com um gato totalmente esfolado ou não. Mas qual é o análogo, mesmo em psicoterapia, do gato esfolado? E se se pensa que se pode identificar antecipadamente um objetivo claro que poderia ser alcançado por muitos meios terapêuticos, qual é o paralelo em filosofia? Que meta os diferentes métodos da filosofia são feitos para alcançar? *Terapêutico* é um termo que põe muito peso num objetivo identificável. Prefiro a palavra *diagnóstico*. Aquilo que os filósofos precisam no momento é de um diagnóstico ou de uma descoberta do que consideram seus problemas ou suas questões, e um determinado entendimento da natureza e das fontes dos tipos de coisas que pensam que a filosofia deveria responder.

Wittgenstein também diz, como traduzido por Elizabeth Anscombe: “O filósofo trata uma questão como trata uma doença”⁵. Isso sugere que o filósofo, ou o filósofo que Wittgenstein aprova, trata uma questão filosófica como uma doença – ou mesmo que ele pensa que a questão filosófica é uma doença. A meu ver, é uma sugestão infeliz. O que se faz com uma doença, afinal, é se livrar dela. Daí a ideia de terapia ou de cura.

⁴ Wittgenstein (1953), §133.

⁵ Wittgenstein (1953), §255.

Mas, como acabamos de ver, Wittgenstein também diz que há muitas terapias diferentes e que é possível se livrar de alguma coisa de várias maneiras. Por que “métodos filosóficos”, se é que há algum, seriam melhores que qualquer outra coisa que funcione? O melhor de tudo seria não pegar a coisa em primeiro lugar. E é possível conseguir isso com questões filosóficas. Então, nessa leitura, Wittgenstein estaria sugerindo que nada se perderia sem a filosofia.

Penso que a observação de Wittgenstein deveria ser lida de outra maneira, a qual a aproxime muito mais da concepção de filosofia ou de atividade filosófica que penso que precisamos – ou que precisamos ressuscitar. Ela reconhece um lugar para a filosofia. A frase que Wittgenstein escreve, em alemão, é: “Der Philosoph behandelt eine Frage; wie eine Krankheit”, que pode ser formulada assim: “O filósofo trata uma questão; como uma doença (é tratada)”. A ênfase está no verbo. O filósofo trata uma questão; o médico trata uma doença. O paralelo é com o que é feito, não necessariamente com aquilo a que é feito.

Ora, como uma doença é tratada? Primeira e crucialmente, ela tem de ser identificada. “Que temos aqui, exatamente”, perguntamo-nos, “e de que maneira isso se distingue de outras coisas que são similares, mas diferentes?” Esses sintomas, então, têm de ser diagnosticados. Eles são indicações de quê? O que jaz por detrás deles? Como as coisas se desenvolveram de modo que os sintomas se manifestassem dessa forma aqui e agora? O tempo para a terapia e a cura só pode vir depois que essas questões forem resolvidas. O ponto é que o tratamento começa com a identificação e com o entendimento, e uma doença a ser tratada é entendida em termos de suas origens ou de suas causas. Entendemos o que é em termos de como veio a ser.

Tratar uma questão não é o mesmo que responder a ela. Responder-lhe pode ser a pior coisa a fazer. Creio que isso ocorra em filosofia. Responder a uma pergunta antes de entender o que é e de onde vem é como aplicar uma cura a uma doença sem ter identificado que doença é. Pode fazer o quadro piorar, e certamente dificultar a identificação e o entendimento. Para entender o que teses ou o que teorias filosóficas são, temos de entender a natureza e as fontes dos problemas para os quais elas são soluções. E para entender esses problemas precisamos identificar e entender suas fontes.

Não quero dizer com isso que temos sempre de buscar suas fontes temporais ou suas fontes históricas. Temos de identificar as suposições, as exigências, as preconceções e as aspirações que levam uma questão a ter a significação que tem para nós, mas isso não precisa significar voltar aos estágios iniciais da tradição filosófica. O

estado de espírito específico que é responsável pela pergunta é algo em que estamos agora mesmo, o que não significa que ele é, portanto, fácil de identificar. Mas, dado que a filosofia é sempre uma resposta a filosofias anteriores, pode-se ter certeza de que as fontes das questões que agora jazem dentro de nós e que, em certa medida, parecem incontestáveis são os produtos de um filosofar anterior ou maneiras anteriores de pensar sobre o mundo. É por isso que penso que a filosofia é inseparável da história da filosofia, embora nem toda tentativa de perscrutar as fontes de um problema filosófico tenha de nos levar de volta no tempo. A coisa importante a se obter é um determinado entendimento da origem e do caráter especial do problema ou da questão agora mesmo, custe o que custar.

Então, a investigação filosófica como a concebo deveria estender-se dessa maneira para o processo ou a atividade da própria filosofia. Uma autocrítica intransigente é essencial à tarefa. Acho que tão somente a aplicação a autorreflexão filosófica aos próprios procedimentos e produtos da autorreflexão pode revelar o que é filosofia e o que ela pode oferecer. Mas sempre há de ter algo mais sobre o que refletir, ou a partir do que começar, além da própria atividade de filosofar. Tem de haver alguma coisa em que pensamos, alguma coisa que estamos tentando entender, alguma característica ou algum fenômeno intrigante do mundo. Tem de haver alguns “dados”, por assim dizer, sobre os quais refletir ou com os quais entrar em acordo, mesmo que eles sejam a única maneira de um problema se apresentar nós ou uma necessidade sentida de entender as coisas de uma certa maneira. Tem de haver algumas coisas que sabemos, ou que são o caso, ou que pensamos e não podemos negar, que são mais firmes que qualquer coisa que o teorizar filosófico pode solapar.

Não quero dizer aqui nada como “fundações” do conhecimento nem “verdades autoevidentes”. Quero dizer fatos, convicções ou atitudes em que engajados como pensadores maduros e como agentes em um mundo público - alguma coisa em que estamos envolvidos, ou a que estamos sujeitos, como seres humanos ativos, sensíveis e para os quais a filosofia é pretensamente destinada a iluminar. Tem de haver coisas que, na frase de Thomas Nagel, “pensamos corretamente”. É preciso haver alguma coisa de que estamos ocupados que não é filosofia. Ao refletir filosoficamente sobre essas coisas, temos de ter a força para reconhecer essas coisas e para a elas nos agarrar, e não distorcê-las nem negá-las, diante da reflexão filosófica. De outro modo, qualquer que seja a importância ou o interesse que o pensamento filosófico pode ter está perdido.

É isso que acho admirável sobre G. E. Moore, apesar de suas limitações em reconhecer o que um ataque filosófico a tais coisas pode estar fazendo. Virtualmente, não há diagnóstico filosófico em Moore; há tão somente a insistência imóvel em que isso é verdadeiro, aquilo é falso e que todos nós sabemos de tal e tal. Mas sem esse engajamento nem essa firmeza sobre alguma coisa, sem alguma coisa que nós pensemos inabalavelmente ser o caso, pelo menos naquele momento, a autorreflexão filosófica, por si mesma, se torna vulnerável à completa autoabsorção – a qual foi Christopher Ricks chamou de “kamikaze do intelecto”⁶.

Então, penso que em filosofia temos de olhar para cada problema ou para cada fenômeno e responder a eles de maneira autêntica à medida que se nos apresentam no momento, sem rejeitar nem descartar o que não podemos honestamente rejeitar nem descartar. Não podemos simplesmente aceitá-los sem escrutínio, nem simplesmente declarar o problema um pseudoproblema ou o alegado fenômeno algo ilusório com base em alguma crença teórica bastante geral acerca das fontes forçadas ou contingentes dos problemas filosóficos. Precisamos levar determinado problema tão a sério quanto pudermos. Devemos participar do pensamento filosófico, não apenas comentá-lo.

Se fizermos isso, que obteremos? Que podemos esperar? De novo, penso que nada esclarecedor pode ser dito em termos gerais. Se nos mantivermos fiéis ao nosso apego ao mundo, o que podemos esperar de um caso em particular é uma consciência - e portanto uma apreciação mais plena – do detalhe e da complexidade das características do mundo do dia a dia que fizeram surgir as reflexões filosóficas sobre elas. Ao vermos as distorções - ou mesmo a impossibilidade - de uma explicação distanciada, teórica de alguma coisa, podemos vir a apreciar melhor aquilo a que o empreendimento filosófico aspira. Ver como e por que nunca podemos atingir esse ponto de vista do mundo pode fornecer seu próprio tipo de entendimento humano ou de autoentendimento – talvez o melhor ou o único tipo de entendimento pelo qual podemos esperar.

Mas, para que isso seja possível – e este é o meu ponto principal –, devemos participar da atividade filosófica. Não há atalhos nem fórmulas. Então, à pergunta completamente geral e distanciada, “o que é a filosofia?”, eu digo: “não pergunte; não conte”. É uma pergunta a ser tratada, não respondida. Tentar responder a ela naquela forma geral não leva a lugar nenhum. Deve-se olhar para uma determinada porção de

⁶ Ricks (1994), p. 21, p. 90.

filosofia, ou, melhor ainda, fazer um pouco de filosofia - pensar acerca de alguma coisa e tentar chegar ao fundo dela – e então perguntar a si mesmo o que está ocorrendo. “Que realmente está sendo feito e sendo dito aqui”, temos de perguntar, “e que isso significa sobre este ou aquele fato inegável do mundo?”. Penso que a filosofia plenamente promissora apenas se se fizer isso cada vez que surgir o ímpeto filosófico ou cada vez que um problema filosófico aparecer. Isso é especialmente verdadeiro quando aparece nos próprios pensamentos e na própria voz.

Referências bibliográficas:

- Malraux, André. 1978. *The Voices of Silence*. Princeton: Princeton University Press.
- Moore, G. E. 1968. "Autobiography," in *The Philosophy of G. E. Moore*, ed. Paul A. Schilpp. La Salle: Open Court.
- Ricks, Christopher. 1994. *T. S. Eliot and Prejudice*. London: Faber and Faber.
- Wittgenstein, Ludwig. 1953. *Investigações filosóficas*. New York: Macmillan.